

# **“UMA NOVA CRIATURA” – PROCESSOS DE CONVERSÃO ENTRE JOVENS RAPAZES**

Alexandre Soares Cavalcante

Ana Keila Mosca Pinezi

## **Introdução**

Pensar a expressão das identidades na contemporaneidade exige um esforço de compreender a multidimensionalidade do fenômeno (CUCHE, 2002). Não obstante, o conceito de identidade aqui trabalhado lida com o processo de construção da noção do eu dos indivíduos em uma situação de coletividade.

Esse processo se dá a partir das relações sociais travadas pelo indivíduo em todos os contextos de sua vida, criando uma teia de significados acerca da própria existência no mundo. Portanto, fica claro que a identidade não pode ser vista de forma fixa ou estática.

Além disso, Hall (2007) nos aponta o papel central que a identidade exerce ao pensarmos a Pós-Modernidade. Em um contexto de descentramento dos sujeitos, onde os referenciais passam a ser múltiplos e plurais, constrói-se um panorama que não nos permite falar em identidade no singular, mas em identidades de um indivíduo, ou melhor, *processos de identificação*. Dessa forma, o sujeito desenvolve múltiplas identificações durante o decorrer de sua vida, a depender de diversos fatores, dentre os quais o meio social em que estiver inserido. Dependendo do contexto, ativamos dispositivos que darão conta de nos identificar de acordo com as condições que julgarmos melhores, sem nunca termos controle total desses dispositivos. Não obstante, essas identificações podem ter prazo de validade, como é o caso da infância. Seja como for, Bauman (1998) nos diz que essas fronteiras, ou esses prazos, passam a ser incertos na Pós-Modernidade.

Este artigo é fruto de uma pesquisa que teve por objetivo observar e analisar como se entrecruzam as identidades de gênero masculino entre jovens de duas denominações religiosas diferentes, uma neopentecostal (Igreja Universal do Reino de Deus - IURD) e outra espírita kardecista. Procuramos trabalhar, aqui, como ocorrem os processos de conversão religiões entre esses jovens, e como estes processos se relacionam com suas identificações de gênero e/ou condições de juventude.

## **Religião, gênero e juventude: aproximações e distanciamentos**

Recentemente, podemos observar o nascimento de inúmeros movimentos religiosos novos, ou novas interpretações e leituras de religiões já existentes. Não obstante, a contemporaneidade nos mostra uma efervescência maior no tocante às vivências religiosas, principalmente com o encontro entre a tradição e o novo, ou a redescoberta de tradições em forma de novidade (CARVALHO, 1992). Portanto, o que se verifica hoje em dia, de fato, é um salto quantitativo e em diversidade das denominações religiosas (JACOB, 2004).

Enquanto sistema cultural (GEERTZ, 1989), a religião não se insere isoladamente na sociedade. Além disso, ela é um sistema dinâmico, molda a sociedade e é moldada por ela, numa relação imbricada, indissociável (GEERTZ, 1989).

Dado o caráter extremamente dinâmico da sociedade contemporânea, em especial os grandes centros urbanos, a religião mostra-se como um dos aspectos que também é posto à prova, tendo que lidar com questões e paradigmas a serem incorporados na tradição, sob o prisma de suas doutrinas e sistema de crenças. Nesse processo, símbolos e significados são negociados e modificados, tendo influência na construção das identidades dos membros.

Ganham força, nesse sentido, discussões acerca do sincretismo, pertença e trânsito religioso, conversão, além, é claro, das relações entre religião e aspectos e categorias outras da vida e ação social, dentre eles a de gênero e a de juventude, no caso deste trabalho.

O gênero, muito mais do que representar uma dicotomia sexual, é uma construção social que se funda nas diferenças enxergadas socialmente. E é justamente a partir dessa noção de que a diferença enxergada produz a construção do gênero que podemos perceber a qualidade relacional que toma a discussão. É impossível, para efeito de análise, entender o masculino sem perceber qual é a noção de feminino que permeia o pensamento social, e vice-versa.

Nessa perspectiva, o gênero opera categoricamente como uma ferramenta de performance (BUTLER, 2010). De fato, ele não é uma categoria fixa, mas variável, que se revela não a partir do que as pessoas são, mas naquilo que fazem, como se expressam e se comportam. Inclusive, segundo Margareth Mead (1988), esses comportamentos (e temperamentos) são escolhidos e selecionados e, a partir daí, se forma um conjunto que será tomado como padrão que deverá ser socialmente aceito (veja, por exemplo, as noções correntes no senso comum de que mulher é sempre mais emotiva que o homem, ou que o homem tem um talento natural para a Matemática, diferentemente da mulher).

Sendo esses comportamentos selecionados, podemos pensar na construção do gênero a partir da perspectiva relacional. Dessa forma, esse conceito sofre mudanças na mesma medida em que a sociedade muda, sempre negociado à medida que é confrontado e problematizado, nas mais diversas ocasiões e contextos. Trazendo a discussão para um nível microssociológico, fica claro que em situações de conversão religiosa, a percepção e as representações de gênero mudam, assim como mudam diversas outras. Entender o papel que os valores e matrizes simbólicas da religião exercem nessas representações é um dos interesses aqui trabalhados.

Dada a problemática deste trabalho, parece necessário fazer uma reflexão também acerca da juventude. Como qualquer categoria de análise, é preciso ter em mente que esta é fruto de uma construção social, e que toda percepção deve estar situada no tempo e espaço. Partimos deste princípio para pensar a juventude na contemporaneidade, com seus problemas, desejos e questões próprias.

Constrói-se aqui um enfoque crítico e problematizador da suposta homogeneidade da condição de ser jovem. Segundo autores que seguem por essa linha, a noção de homogeneidade que permeia o recorte geracional parece mais tratar-se de representações dominantes acerca dessa fase (PAES, 1993). Como corolário desse pressuposto, o aparente contraste entre culturas juvenis e representações de gerações mais velhas nada mais é do que uma resistência às representações da classe dominante. Isso ocorre principalmente porque a juventude, à medida que é reconhecida socialmente como tal, passa a estar sujeita a manipulações, como sugere Bourdieu (1983). Resta então, ao pesquisador suspeitar dos estereótipos, passando a perguntar-se como os problemas dos jovens são vividos e representados por esses, podendo articular a heterogeneidade do campo com a especificidade da categoria social juventude que, no histórico de sua construção também comporta críticas ao termo *subculturas juvenis*.

Este foi dominante por um período nos estudos sobre jovens, porém foi problematizado porque criava uma hierarquização quanto a noção de cultura como um conjunto maior que poderia abranger grupos considerados menores ou menos importantes, o que já comportaria juízos de valor além de portar uma ideia de que esses são claramente percebidos e podem ser delimitados a partir da enunciação de certas características estereotipadas. Noções mais recentes como a de interculturalidade e transculturação, por valorizarem as misturas, as mesclas, os hibridismos existentes nos processos de identificação e subjetivação entre os grupos sociais, questionaram radicalmente essas

categorias de análise mais homogêneas e fixas. Mais uma vez aqui salientamos que parece ser oportuna essa construção teórica em contextos de conversão religiosa, uma vez que diversos referenciais simbólicos são mobilizados durante esses processos, fazendo emergir diversas noções de juventude entre os grupos sociais distintos.

### **A Força Jovem Universal e a Mocidade Espírita**

Objetivando entender como operam os aspectos da conversão religiosa e as noções de gênero e juventude de duas denominações religiosas diferentes - uma neopentecostal (Igreja Universal do Reino de Deus - IURD), e outra espírita kardecista - esta pesquisa busca no arcabouço teórico-metodológico da Antropologia seu embasamento.

Foi realizada etnografia em grupos de jovens de duas denominações: uma kardecista, e outra neopentecostal (Igreja Universal do Reino de Deus), localizados no ABC paulista. Foram analisadas as relações estabelecidas entre diferentes masculinidades e identidades juvenis durante o processo de conversão. Para além da observação participante, foram realizadas entrevistas abertas com membros de cada denominação.

Primeiramente, serão elencados elementos que aproximam e distanciam as construções dos jovens iurdianos e dos jovens espíritas. A análise está focada naqueles argumentos que trazem inteligibilidade à conexão entre gênero e juventude durante os processos de conversão desses sujeitos, ou seja, de que maneira a conversão religiosa modifica visões que se tem da juventude e dos papéis e representações de gênero.

Com encontros que se realizam semanalmente, todo domingo a tarde, o grupo de jovens da Igreja Universal compreende por juventude a faixa que vai dos 13 até os 19 anos, aproximadamente. Tal percepção se fez possível a partir da observação das dinâmicas das reuniões. Essa faixa de idade compreende justamente o momento em que o indivíduo se percebe cada vez mais responsável pelos atos que pratica, e pela forma como vai encarar e se por diante da vida. Tanto é que o batismo nas águas, prática em que o indivíduo decide por opção própria aderir à doutrina, ocorre em média aos 12 anos. Tal prática, percebida por uma perspectiva antropológica, tem sérias consequências ao sujeito.

Para a IURD, o batismo nas águas representa o momento em que o indivíduo percebe-se como pecador e, arrependido de seus pecados e decidido a levar uma vida sob os preceitos da religião, é introduzido ao universo iurdiano, ou seja, ele passa a ser enxergado como membro da igreja. No entanto, ele também arca com o ônus de ser responsável pelos atos que pratica, ou seja, deve então buscar incessantemente a salvação,

com o intuito final de ir para o céu quando morrer. A imersão em uma piscina cheia d'água deve representar a morte do antigo ser, e o nascimento de um novo sujeito, um iurdiano.

Já o grupo de jovens de doutrina espírita se encontra todo sábado à tarde para a programação da Mocidade Espírita. Existe uma percepção de juventude formalizada nos discursos espíritas. Para esses, é considerado jovem o indivíduo na faixa etária dos 15 aos 21 anos.

Para os membros da IURD, a juventude, compreendida pelo viés geracional, de idade, é vista como uma fase de muitos perigos, marcada por muitas tentações, e é justamente para isso que a Força Jovem existe, segundo os membros. Desenvolvendo inúmeras atividades diferentes, o grupo de jovens da IURD procura preencher na vida dos membros todas as lacunas que a dicotomia sagrado/profano deixa.

Já para os jovens espíritas, por mais que as situações do centro espírita não deem conta de todos os aspectos de suas vidas, o que pode ser percebido a partir dos compromissos que muitos desses jovens têm com outras esferas da vida, a separação entre o universo sagrado e o profano é marcante.

Para os dois grupos, o mundo “lá fora” é representado por problemas e questões que apontam para caminhos indesejáveis, que acabam extrapolando os preceitos religiosos, e que levariam a consequências ruins.

Logo, da mesma forma que há diferenciação entre os espaços, os ambientes e universos religiosos e não-religiosos, é também presente a diferenciação entre os jovens que aderem e os que não aderem a denominação de referência desses jovens. Ao serem indagados sobre tal diferença, eles dizem:

*Um rapaz espírita é mais aberto e tenta entender as coisas para seu esclarecimento, e com isso ajudar o seu próximo e o outro. Não tenta se esclarecer em relação a muitas coisas que poderão lhe trazer conseqüências sérias. Ele está sempre em contato com Deus e a natureza, procura ser amigo e entender seu próximo. (Mario – espírita)*

*Bom a religião, seja lá qual for, guia o homem, e faz ele ter esperança num futuro melhor, influenciando-o a respeitar o próximo. (Leonardo – espírita)*

*Ainda não notei essa diferença, porque para o verdadeiro espírita, ele tenta se aprimorar e aceitar o outro da maneira que ele é. (Benício – espírita)*

*Bom, é bem notória a diferença no comportamento. Por exemplo: um jovem não-membro procura falar bobagens com palavrões. Já os convertidos têm uma forma de conversar melhor, mais produtiva. (Renalty – iurdiano)*

*Não vejo e não trato com indiferença. Mas acredito que muitos não possuem a direção de Deus, não conseguem agir mediante algumas atitudes. Acho que não existe um diferencial em ser da IURD ou não, mas sim entre ser de DEUS ou não. O espírito Santo sabe resolver os problemas, as situações do dia a dia, motivar, etc. (Thiago – iurdiano)*

Para além dessa questão, uma tônica forte em todos os momentos da vida religiosa desses jovens é com relação à família. Em boa parte deles, mais intensamente no caso iurdiano, problemáticas como a conversão familiar e o diálogo inter-religioso são presentes.

No caso da IURD, uma igreja relativamente nova e formada por convertidos, é compreensível que dificilmente sejam encontrados jovens nascidos no ambiente religioso. No caso espírita, em que predomina um ambiente comunitário, é comum ver jovens que desde pequenos convivem nesse universo. No entanto, vários eram os casos de embates oriundos do trânsito religioso, e principalmente com interlocução entre os grupos aqui mencionados.

*Minha família não compartilha minha religião. Eles somente engolem. Tipo, acham errado, mas meio que ignoram. Acham que é coisa de satanás, porque são evangélicos, acham que tudo que tem espírito é obra do capeta. (Leonardo – espírita)*

*Minha família não segue minha religião. Bom, hoje em dia a religião protestante é bem mal vista pela sociedade. Influência da mídia, medos alheios, até astúcia do diabo... (Renalty – iurdiano)*

Não somente os familiares, mas esses jovens, em grande parte, são convertidos. Um ponto importante que pode ser ressaltado são as diferentes motivações que levaram esses rapazes a buscar a religião. De maneira geral, o iurdiano atribui sua conversão ao sofrimento passado antes da mudança. Não obstante, em detrimento do recorte de gênero aqui adotado, percebe-se que os jovens iurdianos sofreram de maneiras similares. Eles expressam suas condições de vida de forma bastante similar, e pautada em questões que o senso comum atribui ao sexo masculino, como problemas com drogas, violência, trabalho ou bebida. Não obstante, experiências com outras denominações religiosas também são presentes nos testemunhos de conversão desses jovens.

*Eu escolhi a IURD porque foi o único lugar em que as pessoas entendiam a situação que eu estava passando, e também as mesmas estavam dispostas a me ajudar. Eu tinha muitos problemas espirituais, porque tinha saído do espiritismo: dor de cabeça, depressão, homossexualismo, problemas na família. Mas mesmo sendo ex-homossexual e ex-macumbeiro, as pessoas me aceitaram e se dispuseram a me ajudar. (Thiago – iurdiano)*

*Eu estava arruinando a minha vida, com drogas, bebidas, prostituição. Já trafiquei. (Erisson – iurdiano)*

Já no caso do espiritismo, é interessante notar que os motivos que levaram os rapazes a procurar a doutrina espírita são, de maneira geral, congruentes com os papéis

atribuídos aos homens, ou seja, maior preocupação com o estudo da doutrina e elementos da ciência espírita.

*Eu não escolhi o espiritismo. Não foi uma questão de escolha, e sim de conclusão, através de pesquisas, observações de fatos. (Jonas – espírita)*

*O espiritismo diz o evangelho da Bíblia, mas interpretado de forma diferente dos evangélicos. Tipo, sem tanta simbologia.*

*Eu frequento porque foi a religião com que mais me identifiquei. Acho mais aberta para discussões em geral. Indagamos bastante sobre o porquê de muitos problemas atuais. (Leonardo – espírita)*

*O espiritismo pode ser considerado como um estudo científico e religioso. Os dois andam juntos; agora mesmo estou fazendo um curso sobre espiritualidade. (Benício – espírita)*

O significado de *ser jovem*, para os espíritas, está mais ligado à educação e ao aprendizado, por um viés bastante psicologizado, do que a questões de cunho social ou socioeconômico. Esse dado permite-nos compreender, assim, a presença mais forte da classe média como constitutiva do espiritismo no Brasil.

Para os espíritas, a condição da juventude está associada ao período de crescimento espiritual e amadurecimento moral, além de uma perceptível preocupação com questões ligadas ao estudo. Lembro-me de vários encontros cujo principal assunto das conversas dos membros era o vestibular e a escolha da carreira profissional, numa perspectiva de indecisão com relação à *vocação* do indivíduo.

A Força Jovem da IURD possui inúmeros projetos e programas voltados à juventude, e percebe-se que diferentes aspectos e interesses são levados em consideração na concepção de tais projetos, procurando assim atingir uma diversidade e quantidade maior de jovens para a religião. Esses projetos vão desde educação e cultura, até esportes e prevenção de drogas.

Os encontros, por sua vez, seguem o mesmo modelo dos cultos comuns, ou seja, iniciam-se com uma oração que se volta às questões referentes à temática do dia, no caso a juventude. Assim, de maneira geral a obreira responsável iniciava a reunião de jovens com uma oração que falava do sofrimento dos jovens, das tentações que eles sofrem, com especial foco às questões sexuais e de vícios em drogas e bebidas. Logo, uma visão bastante específica de juventude transparece nesse caso, o que será discutido mais adiante.

Os encontros são marcados por uma nuance educacional, ou seja, é conferida à Mocidade Espírita uma qualidade de aulas a serem feitas sobre a doutrina espírita e sobre

questões relacionadas à ética e moral doutrinária. Inclusive, os encontros são planejados anualmente conforme um modelo pedagógico (sendo até mesmo preparado por uma equipe de profissionais espíritas ligados à educação, tais como psicólogos, pedagogos, professores).

Durante as aulas, de maneira geral, estão presentes cerca de três “professores”, ou líderes, que debatem e discorrem sobre temáticas diversas com foco no que o espiritismo tem a dizer. Ou seja, além de passar aos jovens a doutrina espírita, esses são ensinados a ressignificarem o mundo ao seu redor pelo viés da ótica espírita. Por exemplo, durante o período da pesquisa, as aulas da Mocidade Espírita tiveram como tema desde a descoberta e independência do Brasil, até debates sobre aborto, homossexualidade e alimentos transgênicos.

Na perspectiva deste trabalho, pode-se perceber que mesmo acontecimentos ou ideias tidos como universais, como os fatos históricos ou conceitos estabelecidos, são revisitados e ganham uma nova roupagem a partir da doutrina espírita. Logo, não somente em termos de significados dos acontecimentos do cotidiano, mas toda uma cadeia de elementos é transformada no universo simbólico do indivíduo espírita.

Da mesma forma que outros eventos do centro, os encontros da Mocidade espírita possuem um forte apelo a duas grandes ideias do espiritismo: a racionalidade dita científica, e a moral cristã. Isso aparece fortemente nas interpretações e explicações fornecidas nas aulas. Por exemplo, em uma situação de discussão acerca do aborto, as discussões giraram em torno tanto de questões acerca da ciência espírita, ou seja, sobre como a energia flui de maneira problemática a ponto de uma pessoa praticar o aborto, e como isso interfere na evolução do espírito; como em questões ligadas à moral, ao amor de uma mãe pelo filho, à prática que desagrada a Deus, e como isso fere preceitos espíritas de praticar o bem e amor ao próximo.

Outro aspecto importante com relação à Mocidade Espírita é de que os encontros não são realizados no salão central do templo. Esses são realizados em uma sala menor, localizada no andar superior ao salão central, e ocorriam simultaneamente às palestras doutrinárias destinadas a adultos. Isso evidencia uma dinâmica comunitária mais pautada no conhecimento de todos, ou seja, dificilmente um jovem recém-chegado, sem nenhum conhecido no centro, participaria dos encontros. O fato de haver um planejamento anual também pode permitir tal inferência, uma vez que os encontros desencadeiam uma sequência lógica de aprendizado.



Além disso, nos encontros da Mocidade Espírita é incentivada a participação dos “alunos” ao debate, além de haver uma série de avaliações com relação ao andamento dos encontros. Essas avaliações, ao contrário de um ambiente de escolaridade formal, não possuem o intuito de verificar o aprendizado da doutrina espírita, mas de averiguar a percepção que os jovens estão tendo dos encontros, se estão gostando, participando, como enxergam os líderes e toda a dinâmica, além de serem convidados a refletirem sobre seus comportamentos em comparação à doutrina espírita. Isso faz sentido dentro de um corpo de crenças que valoriza a reflexão interior, o estudo e a prática da caridade.

Adentrando ainda mais na problemática da identidade de gênero entre iurdianos e espíritas, percebe-se uma visão de gênero comum aos dois, bastante pautada por aspectos da biologia (dicotomia homem/mulher baseada no sexo biológico). Isso tem influências nas formas como os gêneros se relacionam com o fazer religioso.

Por fim, percebe-se que a vivência da sexualidade entre os dois grupos apresenta-se de maneira diferenciada, uma vez que se pode notar no caso iurdiano, uma expressão mais externalizada das necessidades de um rapaz: na medida em que deve manter-se “santo”, sem praticar atividades sexuais, o jovem é desafiado a negociar sua masculinidade com sua identidade religiosa a fim de manter sua identidade social. Logo, à medida que pode ter amigos que não compartilham de sua religião, ou seja, não são da Igreja Universal, este mobiliza performances de gênero que dêem conta dos dois universos. Como resultado, percebe-se uma atitude de atribuir à mulher as responsabilidades, bem como a causa de não haver contato sexual, ou seja, um rapaz iurdiano se mantém fora do pecado, mas mantém sua identidade de gênero entre seu círculo social a partir de discursos traçados justamente para dar conta dessas nuances.

Já no caso espírita, em que é notória uma relação mais silenciosa com a sexualidade, mais internalizada, esses discursos são menos aparentes, o que resulta, com efeito, num descolamento maior entre responsabilidades e funções sexuais entre os gêneros. Tais inferências são perceptíveis nas respostas que dão membros das duas denominações quanto aos relacionamentos amorosos:

*“É semelhante à aliança com Deus: sexo somente após o casamento. Era essa minha visão quando eu namorava.” (Cléber – iurdiano)*

*“Quero uma mulher de Deus, cheia do Espírito Santo, temente a Deus e obediente aos pais.” (Edmilson – iurdiano)*

*“Eu prefiro que ela seja da IURD sim. Mas primeiro ela vai ter que seguir a bula. Porque nem toda mulher que diz que é de Deus, é de fato.” (Elton – iurdiano)*

*“Bem, agora não estou namorando, mas não tenho restrições quanto à crença que ela deva ter. Para ter um bom relacionamento ambos tem de estar completos.” (Benício – espírita)*

*“O relacionamento ideal somente ocorre quando ambos aprendem a aceitar um ao outro como são, com suas imperfeições sem querer tentar mudá-lo. As pessoas insistem em buscar pela alma gêmea, quando na verdade querem alguém que seja como elas querem. Mas a vida nos ensina por meio de provações que somente teremos um relacionamento feliz se aprendermos a aceitar as imperfeições do próximo.” (Igor – espírita)*

*“O relacionamento ideal deve ter respeito de um para com o outro, total compreensão.” (Leonardo – espírita)*

### **Considerações finais**

Para os membros da IURD, a juventude, compreendida pelo viés geracional, de idade, é vista como uma fase de muitos perigos, marcada por muitas tentações, e é justamente para isso que a Força Jovem existe, segundo os membros. Desenvolvendo inúmeras atividades diferentes, o grupo de jovens da IURD procura preencher na vida dos membros todas as lacunas que a dicotomia sagrado/profano deixa. Nessa perspectiva, o sentido da conversão está calcado no distanciamento do mundo profano, ou seja, uma reinterpretação do mundo com base na nova dicotomia (aquilo que devo ou não fazer, lugares que devo ou não frequentar). Inclusive no campo da memória, o passado é reinterpretado e ganha uma nova roupagem, com novos significados.

Já para os jovens espíritas, por mais que as situações do centro espírita não deem conta de todos os aspectos de suas vidas, o que pode ser percebido a partir dos compromissos que muitos desses jovens têm com outras esferas da vida, a separação entre o universo sagrado e o profano é marcante. No entanto, a conversão religiosa não é vista, por eles, como um processo de quebra. Percebe-se, ao contrário, uma noção de linearidade temporal em suas escolhas, em que a o processo de conversão nada mais é do que uma evolução, que já estava marcada para acontecer, na história de vida da pessoa.

Para os dois grupos, o mundo “lá fora” é representado por problemas e questões que apontam para caminhos indesejáveis, que acabam extrapolando os preceitos religiosos, e que levariam a consequências ruins.

Procurou-se traçar, neste trabalho, algumas reflexões de como se constroem e mobilizam-se as identidades de jovens rapazes pertencentes a duas denominações religiosas diferentes: a Igreja Universal do Reino de Deus e o espiritismo kardecista.

A perspectiva de que o universo simbólico religioso, a condição de juventude e as questões de gênero estão imbricados na formulação do referencial pelo qual os membros das duas denominações se identificam mostrou-se eficaz na análise dos dados fornecidos pela etnografia dos grupos e das entrevistas abertas realizadas no ciberespaço.

Compreender qual a noção de juventude subjacente às práticas e concepções dos grupos foi o ponto inicial da análise que culminou numa reflexão acerca de como as crenças desses jovens, muitos deles convertidos, estão relacionadas com os papéis e performances de gênero enquanto expressão da condição de rapazes, ou seja, dentro de uma perspectiva de gênero masculino.

Enxergar-se como jovem, com conflitos e questões próprias de um recorte geracional, foi além das questões que se limitam ao crescimento do corpo. Situados em grupos sociais distintos, os jovens membros da IURD e do espiritismo experimentam diferentes realidades e diferentes práticas na vivência e sociabilidade cotidianas. Dessa forma, a perspectiva que foi adotada no início, de pluralizar as experiências para concepção da categoria de juventude parece ter sido acertada, uma vez que o próprio recorte que se faz em cada grupo acerca do que é ser jovem foi bastante singular.

Da mesma forma pensou-se o gênero. A pluralidade, diversificação foram posturas de análise que favorecerem a perspectiva comparativa, aqui utilizada para realização da pesquisa. Logo, pode-se perceber que mais do que universos separados, religiosidade, juventude e gênero estão extremamente relacionados nos processos de identificação dos rapazes membros da Força Jovem e da Mocidade Espírita.

Por fim, percebe-se que embora discursivamente excludentes, as práticas e visões que imperam nos imaginários dos jovens espíritas e iurdianos não possuem tantas diferenças como se poderia pensar à primeira vista. No entanto, os significados e as nuances que fazem deles singulares é o que dará forma à inteligibilidade dos processos de identificação destes enquanto jovens, homens e religiosos.

### **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt. O Mal-estar da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1998.

BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUTLER, Judith. *El gênero en disputa. El feminismo y La subversión de la identidad*. México: Paidós, 2010.

CARVALHO, José Jorge de. “Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea”. In Maria Bingemer (org.) *O impacto da modernidade sobre a religião*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992. P. 133-163.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2º Ed. Bauru: EDUSC, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2007.

JACOB, Cesar Romero. *A diversificação religiosa*. *Estud. av.*, São Paulo, v. 18, n. 52, Dec. 2004.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

PAES, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.